

Como encontrar vagalumes em tempos de excesso de visibilidade: uma análise dos grafites do Projeto Filtro de Papel¹

Alessandra ARAÚJO²
Tarcísio MARTINS FILHO³
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

As reflexões apresentadas no presente artigo resultam da pesquisa bibliográfica desenvolvida pelo grupo de pesquisa Jornadas urbanas e Comunicacionais - Jucom e da pesquisa de campo realizada para tese de doutorado sobre as histórias de vida dos grafiteiros de Fortaleza. Neste texto, apresentamos a síntese de nossas reflexões sobre a sociedade de controle, usando Deleuze como referência, discorreremos sobre a cidade como campo comunicacional, a partir de Campos, e estudamos a potencialidade da arte urbana atuar como um ponto de luz que nos permite parar diante da velocidade e excesso de imagens que circulam no espaço urbano, para isto, usaremos Didi-Huberman como referência. Com o objetivo de experienciar os conceitos discutidos, analisamos três obras de Leandro Alves, artista urbano da cidade de Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; comunicação; sociedade de controle; grafite.

INTRODUÇÃO

*Bejei a boca da noite
E engoli milhões de estrelas
Fiquei iluminado
(Ação Gigantesca, Mário Gomes)*

O presente artigo é o resultado das reflexões do grupo de pesquisa Jornadas Urbanas e Comunicacionais - Jucom desenvolvidas no ano de 2015, sobretudo no segundo semestre. O grupo iniciou os seus trabalhos em 2010, é composto por estudantes, egressos e professores da Universidade de Fortaleza e tem como objetivo investigar a relação entre comunicação e cidade. O texto também possui contribuições

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Coordenadora do grupo de pesquisa Jucom, doutoranda do Programa em Pós-Graduação da Faculdade de Educação e professora do curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza - Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.br.

³2 Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professor de Comunicação Visual da Universidade de Fortaleza – Unifor e Faculdade 7 de Setembro (Fa7). Email: tarcisiobmf@gmail.com

da pesquisa de doutorado da coordenadora do grupo que investiga a história de vida dos grafiteiros de Fortaleza e como as histórias dos muros são incorporadas na história da cidade.

No ano de 2015, aprofundamos a discussão sobre a sociedade de controle, a partir de Deleuze (2010), fizemos uma reflexão sobre os muros e superfícies da cidade como campos comunicacionais, a partir de Campos (2011), e discutimos a possibilidade da arte urbana atuar como um ponto de luz que nos permite/convida a parar diante dos ordenamentos da cidade e do excesso de informação e imagens, para isto, usamos Didi-Huberman (2011).

Assim, o objetivo do presente artigo é fazer uma síntese das discussões do grupo e uma reflexão acerca de sua aplicação na cidade de Fortaleza a partir dos grafites do artista urbano Leandro Alves. A escolha do sujeito da pesquisa se deu por se tratar de um dos artistas urbanos entrevistados para a tese de doutoramento da coordenadora do Jucom e também pelo artista possuir uma característica especial de desenvolver alguns trabalhos em espaços pouco visíveis. Interessa-nos refletir sobre as imagens que o artista faz em espaços em demolição e as que produz em pequenas dimensões, reduzindo, pelo menos numa primeira avaliação, o seu potencial de visibilidade.

Leandro Alves, por meio do seu projeto Filtro de Papel, inverte a lógica da busca por visibilidade, da escolha por locais de muita circulação e dos grafites feitos em grandes dimensões, características comuns que identificamos ao pesquisar o grafite, como é possível conferir em artigo publicado anteriormente (ARAÚJO; MARINHO; MARTINS FILHO, 2015). Discutimos aqui como suas produções, escondidas e pequenas se comparadas aos estímulos publicitários e mesmo de outras expressões urbanas, pode atuar como um ponto de luz que precisamos estar atentos para enxergar.

1 EXCESSO DE VISIBILIDADE

Os semáforos, as placas, as vias diretoras criam um ordenamento no espaço urbano para que possamos seguir sem pensar. O tamanho do agregado populacional, a densidade demográfica e a heterogeneidade são características que, segundo Wirth (1976), são formadoras do espaço urbano. A cidade seria, assim, composta por uma

grande quantidade de pessoas, de culturas e interesses diversos, que moram relativamente perto umas das outras. Se, por um lado, essa heterogeneidade e anonimato permitem aos seus moradores um certo grau de liberdade, pois não seriam tão cobrados quanto no campo, onde todos se conheciam e os papéis já eram determinados desde o nascimento, por outro lado existe um ordenamento social que controla os sujeitos na cidade, dividindo suas funções e seus territórios, como explica Wirth (1976).

Para neutralizar a responsabilidade e a desordem em potencial, surge a tendência de se utilizarem controles formais. Sem a aderência rígida a rotinas previsíveis, uma grande sociedade compacta dificilmente seria capaz de sustentar a si mesma. O relógio e o sinal de trânsito simbolizam a base da nossa ordem social no mundo urbano (p.104).

As rotinas como o tempo do trabalho, a exigência por produtividade, a cobrança por boas notas, a docilização dos corpos na mesa de jantar, por exemplo, disciplinavam nossas ações em diferentes espaços de confinamento como as fábricas, as escolas e a família. Foucault (*apud* Deleuze 2010) mostra como nos séculos XVII, XIX e início do século XX, éramos moldados pelas instituições que acompanhavam nossos passos e puniam os que ousassem ter um comportamento desviante.

Para Deleuze (2010), as instituições descritas por Foucault estão passando por uma forte crise, nos levando de uma sociedade disciplinar, onde éramos moldados de acordo com o ordenamento das instituições, para uma sociedade do controle, onde não precisamos nos moldar, pois estamos envolvidos numa mesma malha auto deformante que nos envolve em todos os espaços, da rua ao trabalho, do trabalho à escola, da escola à casa.

Se antes era possível compreender como o poder agia ou a partir de onde operava, no que Deleuze (2010) chama de "sociedade de controle" as possibilidades de fugir da ordem são dificilmente identificáveis porque o próprio ordenamento não está claro. Passamos de um espaço de controle a outro sem que exista um respiro, é preciso estudar para ter uma carreira profissional e manter-se estudando para conquistar um bom salário e ter uma família, que exigirá flexibilidade de horários, que nos levará a trabalhar em casa, na rua, enquanto fazemos compras etc. Os papéis estão tão

misturados que podem trazer uma falsa sensação de liberdade, enquanto para Deleuze(2010) a flexibilidade da trama só nos faz ficar mais envolvidos por suas linhas.

Os ordenamentos citados por Wirth (1976), como o relógio na praça para marcar o tempo do trabalho e do descanso, perdem relevância, apesar de não deixarem de existir, já que levamos conosco os mecanismos de controle. O celular nos mostra a hora, nos avisa nossos compromissos, o rádio no carro ou nos fones de ouvido nos lembra que estamos com pressa. O tempo do descanso e do trabalho não são mais facilmente identificáveis e o estranho, o outro, com quem tínhamos que nos deparar ao transitar pelo espaço urbano, muitas vezes é imperceptível diante de uma profusão de informações dos *outdoors* e dos letreiros eletrônicos espalhados pela cidade, ou mesmo diante da nossa relação íntima e constante com os nossos dispositivos móveis que nos fazem cegos para os demais.

Diante de tantas informações e imagens com as quais cruzamos, ou com as quais andamos, como no caso dos dispositivos móveis, nos resta olhar sem ver ou sem nos afetar. Segundo Simmel (1976), essa indiferença, chamada por ele de *atitude blasé*, é uma forma de autoproteção que criamos diante de tantos estímulos que formam o espaço urbano. Com o desenvolvimento da sociedade de controle, esses estímulos são intensificados, e podem atuar como mecanismos de controle, direcionando a ordem de importância das coisas e o foco de nossa atenção. É o que acontece quando estamos numa roda de amigos e voltamos nossa atenção para uma mensagem que recebemos no celular, ou quando estamos com fones de ouvido no ônibus. Esses estímulos são contínuos, caminham conosco e precisam de uma resposta imediata.

Além dos dispositivos móveis, também temos informações espalhadas pelo espaço urbano que fazem da cidade um ambiente comunicacional tão poluído que fica difícil enxergar diante do envelhecimento provocado pelo excesso. A disputa por visibilidade faz da cidade um ecossistema comunicacional, segundo Campos (2011). Para o autor, “a cidade é uma tela, a partir do momento em que a sua matéria é aplicada como suporte onde se inscrevem os mais variados tipos de mensagens” (p.27), lugar de disputa visual entre mensagens publicitárias, monumentos, fachadas dos prédios e

escritos não autorizados como a pichação e, por vezes, o grafite⁴ e outras expressões da arte urbana. O autor continua, esclarecendo a intensão comunicativa desses variados escritos:

Esse aglomerado de signos pictóricos, de grafias impenetráveis, de traços aparentemente caóticos, espalha diferentes vontades enunciativas, modos distintos de utilizar a arquitetura e o mobiliário urbano. Estas mensagens têm uma autoria e um destinatário. Quem utiliza o espaço público urbano para comunicar fá-lo com um intento, assumindo este suporte como um veículo de transmissão de algo a alguém (2010, p.77).

A cidade é, assim, um campo comunicacional onde diferentes atores manifestam diferentes desejos que entram em disputa. Os muros, viadutos, postes, chão, dentre outras superfícies, são usadas como telas de comunicação, invertendo, muitas vezes, a função inicial para a qual foram criadas. Um muro, criado para demarcar a separação entre o dentro e o fora, entre o público e privado, torna-se espaço de ligação, onde histórias visuais são narradas e incorporadas ao espaço urbanos, transformando-o.

Entretanto, o excesso de imagens, como vimos, pode gerar uma certa cegueira e quem possui maior força para direcionar a luz dos holofotes provavelmente ganhará mais atenção dos sujeitos, mesmo que uma atenção parcial. Então, como ver uma imagem pequena, produzida no meio de um poste de energia elétrica, em meio a letreiros eletrônicos? Como perceber um grafite feito em um espaço em demolição, tão distante dos holofotes da cidade? Didi-Huberman (2011), como veremos a seguir, nos leva a uma reflexão de como precisamos de um pouco de sombras para entender as imagens expostas pelas luzes, é como se precisássemos um pouco de silêncio para ouvir o burburinho das ruas, para entender o que falam os muros e o que conta a cidade.

2 COMO SER UM VAGALUME?

É na escuridão que conseguimos ver mais nitidamente os vagalumes, explica Didi-Huberman(2011), sua luz é fraca, difícil de superar os holofotes, mas é justamente por ser um pequeno ponto de luz e por permitir que a escuridão o envolva que possui

⁴ É importante destacar que o grafite, muitas vezes, é feito de forma autorizada e pode tanto trazer uma percepção contra-hegemônica, quanto pode contribuir para a manutenção da ordem cidadina.

uma potência criativa poderosa. Luzes e trevas dialogam, assim, formando contornos discerníveis por olhares atentos, mas nem sempre temos as sombras, por vezes, precisamos aprender a olhar para as luzes sem ficar ofuscados, precisamos encontrar os vagalumes entre os excessos de luminosidade. A arte urbana pode ser um ponto a brilhar na superfície da cidade, pode ser uma linha de fuga que achamos ter desaparecido mas, para que possamos nos sentir implicados por ela, precisamos nos colocar em busca, pois os vagalumes “desaparecem apenas na medida em que o espectador renuncia a segui-los. Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o melhor lugar para vê-los” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.47).

O autor usa a metáfora do vagalume para falar da necessidade de enxergarmos algo que está ofuscado pelo excesso e que segue na contramão, mas que guarda uma potência criativa que pode nos tirar, mesmo que por alguns instantes, da trama envolvente da sociedade de controle. É o que acontece quando somos afetados por uma frase escrita nos muros e quando paramos diante de uma árvore que floresceu solitária em meio aos carros e asfalto, para usar alguns exemplos.

A arte urbana pode atuar, assim, no deslocamento da ordem da cidade. Podemos discutir que o próprio ordenamento da cidade deixa brechas por não possibilitar a expressão de sua polifonia e, de certa forma, demandar a criação de alternativas comunicacionais e de visibilidade no espaço urbano. Ao colorir o padronizado cinza, um grafite ou um *stencil*⁵ pode nos tirar do lugar estável em que as coisas foram colocadas e proporciona uma potência criadora, podendo nos levar a uma nova relação com a cidade e com os transeuntes. Mas é preciso nos colocarmos no caminho, mesmo que as luzes tentem ofuscar os vagalumes, mesmo que as imagens da cidade tentem encobrir os registros da arte urbana, “é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.52).

Descobrir os pequenos pontos de luz, que emitem uma luz frágil, porém intensa, traz a possibilidade de percebermos o quanto estamos envolvidos nas tramas da

⁵ Técnica de pintura a partir de um molde.

sociedade de controle, já que os vagalumes estão na contramão, são contestadores, não seguem o tempo contínuo e veloz da cidade, podem ser a ponta solta dessa malha envolvente que nos ajuda, mesmo que momentaneamente, a nos desenredarmos dela.

A partir dessa perspectiva, resolvemos analisar, no grupo de pesquisa Jucom, como os grafites do artista urbano Leandro Alves podem atuar como vagalumes em Fortaleza.

3 ESCONDER PARA SER VISTO

A partir do objetivo de compreender como a arte urbana pode atuar como vagalume, resolvemos escolher um artista que usasse outras superfícies da cidade, além dos muros das vias de grande circulação. Interessava-nos analisar uma experiência com grafite, até pela similaridade com as outras pesquisas já desenvolvidas pelo grupo, mas que ficasse escondido, em espaços de pouca circulação ou em locais não convencionais.

Os critérios citados nos levaram ao Leandro Alves, artista urbano cearense⁶, um dos cinco entrevistados da pesquisa de doutorado que fundamenta a etapa metodológica deste artigo. O procedimento utilizado foi o da entrevista narrativa, realizada em agosto de 2015. A entrevista narrativa que consiste em fazer perguntas abertas, em que o entrevistado possa desenvolver o seu pensamento, construindo uma narrativa. “Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2005, p.95), ou seja, ela não segue o esquema perguntas-respostas e proporciona uma narração da história de vida dos sujeitos. Além deste procedimento, escolhemos três imagens a partir do arquivo pessoal do artista e com base na análise das falas do sujeito e dos critérios apresentados acima com o intuito de relacionar os conceitos apresentados com as obras do artista.

Leandro Alves nasceu no bairro Moura Brasil, região periférica da cidade de Fortaleza. Seu pai era pedreiro e com ele aprendeu a criar e construir. Com a cidade e as intervenções que passou a fazer aprendeu também a desconstruir. Ele relata que o nome do projeto Filtro de Papel, surgiu ao acaso, de uma conversa com sua mulher, mas o

⁶ As informações biográficas foram disponibilizadas pelo autor, em 12/08/2015, por meio de entrevista narrativa, técnica utilizada para a pesquisa de doutoramento que desenvolvo.

projeto, que também virou o seu nome, tem uma forte relação com o seu trabalho que é como um filtro que remove o excesso de luminosidade, nos permitindo perceber espaços invisibilizados como os que estão em processo de demolição. É o que vemos na imagem abaixo.

Figura 1 - Espaço em demolição na imediações da Av. Aguamanbi, setembro de 2015



Fonte: <http://filtrodepapel.tumblr.com/>

Na figura 1 vemos dois dos três elementos que, segundo Leandro, são a base do seu trabalho: a mulher, o pássaro e a criança. Leandro fala que tem um projeto chamado "Pássaros, mulheres e crianças primeiro", o nome é uma releitura da frase "passarão mulheres e crianças primeiro" e foi pensado como uma forma de expressar a violência cidadina que nos torna náufragos, como se estivéssemos ameaçados e precisando de uma salvação. Também é interessante analisar como os elementos são seres vistos como deslocados, como se a rua não fosse o seu lugar, andar ou voar pelo espaço urbano é como uma transgressão para crianças, mulheres e pássaros.

Na primeira imagem analisada vemos uma mulher que flutua, nua e com os punhos amarrados, puxados por pipas, enquanto um pássaro observa as pipas e um gato a mulher. A mensagem que o autor teve o intuito de transmitir e as construções feitas pelos frequentadores do local - que também são pessoas deslocadas por se tratar, em muitos casos, de moradores de rua e usuários de entorpecentes, já que se trata de uma

parede interna de um espaço em demolição - entram em diálogo e trazem novos sentidos para quem tem acesso à imagem por meio da fotografia, que atua aqui como uma "iluminação dos pormenores", como afirma Benjamin (1987), ou seja, mostrar pequenas coisas, invisíveis em nosso cotidiano, possibilitando uma nova forma de olhar.

Figura 2 - Centro de Fortaleza, junho de 2015



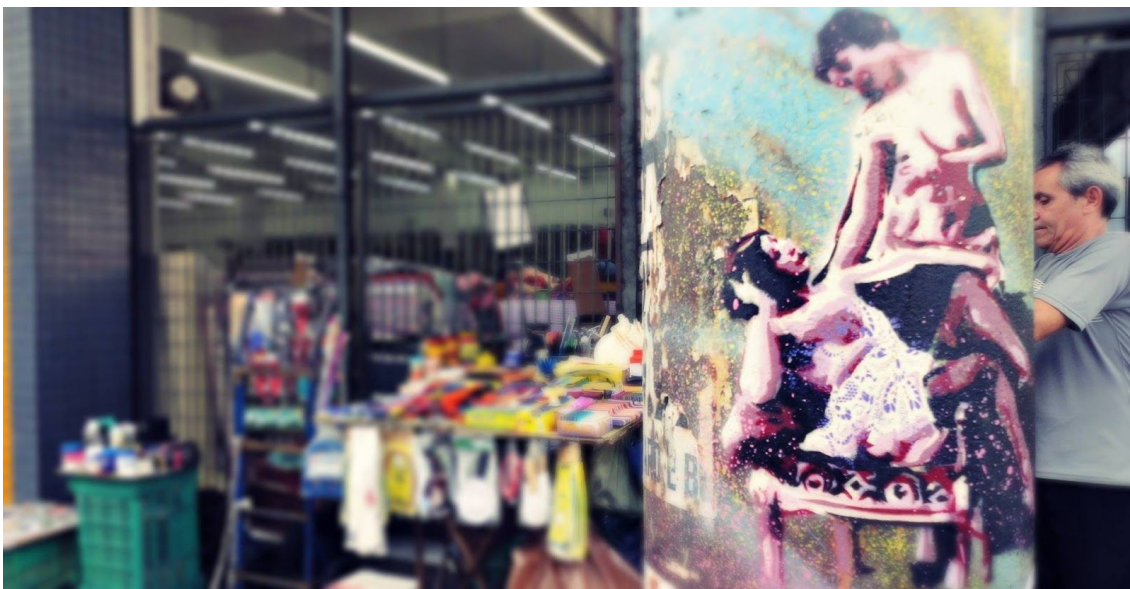
Fonte: <http://filtrodepapel.tumblr.com/>

A figura 2 é a imagem de uma criança, vestida com terno, provavelmente a caminho do trabalho e em uma bicicleta visivelmente para adultos. A imagem, produzida com a técnica do *stencil*, foi feita no espaço interno de um quadro de cabos de telefonia com fios expostos ao lado de um orelhão em desuso. Podemos notar uma crítica ao trabalho infantil, que também faz parte de sua história de vida, e também é possível relacionar a degradação dos fios e do orelhão com a falta de comunicação e

visibilidade para determinados problemas sociais. O garoto trabalhador não podia ser ouvido, também não era fácil ser visto, precisamos estar atentos, procurar por ele, assim como sugere Didi-Huberman (2011) ao falar que precisamos buscar os vagalumes.

Assim, a escolha por um local de pouca visibilidade, mas grande poder simbólico, mostra o potencial do grafite de atuar como vagalume, iluminando situações de opressão, críticas e desejos com um pequeno e fervoroso ponto de luz.

Figura 3 - Centro de Fortaleza, junho 2015



Fonte: <http://filtrodepapel.tumblr.com/>

Na figura 3 vemos novamente a mulher, mas aqui são duas mulheres que se olham. O local escolhido por Leandro foi um poste de energia elétrica, conhecido em Fortaleza por ser um local em que vemos colados anúncios como o "Beatriz traz a pessoa amada". A colagem deste anúncio e de outros similares em boa parte dos postes da cidade, leva a uma associação dos postes com promessas de amor. O *stencil* das duas mulheres pode, então, trazer luz para questões como relações homoafetivas, pode nos fazer refletir sobre a aceleração do tempo nas grandes metrópoles, pode nos remeter a um desejo de passado pela similaridade deste grafite com ilustrações antigas. O poste ganha novos sentidos, torna-se campo de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo falamos sobre a formação da sociedade de controle e como os meios de comunicação podem atuar como dispositivos que contribuem para nos envolvermos nessa malha autodeformante que nos acompanha em todos os momentos da vida, como explica Deleuze (2010). Refletimos como esse controle afeta o espaço urbano e como o excesso de imagens pode gerar uma *atitude blasé*, termo usado por Wirth (1976), nos levando a uma desatenção. Relacionamos o excesso de imagens com o que Didi-Huberman (2011) descreve como um tempo em que somos expostos a tantas luzes que fica difícil enxergar os vagalumes, que seriam os pontos de luz que iluminam uma outra forma de perceber o mundo, desprendido, mesmo que por um instante, da malha envolvente da sociedade de controle.

Além da reflexão teórica, fizemos uma análise do trabalho desenvolvido pelo artista urbano Leandro Alves, conhecido pelo projeto Filtro de Papel, a partir de uma entrevista narrativa realizada em agosto de 2015 e de três fotos de seus grafites realizados num espaço em demolição, na parte interna da porta de uma caixa de fios telefônicos e num poste de energia elétrica.

Analisamos as três imagens, apoiados em Didi-Huberman (2011), e chegamos a conclusão que a arte urbana pode atuar como vagalume, levando luz para pontos ou pessoas invisibilizadas. Entretanto, as imagens produzidas por Filtro de Papel não podem ser vistas com facilidade, os holofotes não estão voltados para elas. Os grafites analisados são pequenos, ou estão escondidos, estão nas sombras, local em que os vagalumes podem ser vistos se estivermos realmente procurando por eles.

Ao final, deixamos um importante ponto de análise para a continuidade da reflexão apresentada neste artigo. A avaliação final do texto nos levou a pensar se a escolha de locais escondidos e outros em demolição, ou seja, que deixam evidente a efemeridade do grafite, não ganham prolongamento temporal e visibilidade por meio do registro fotográfico e do seu compartilhamento na internet. Como a visibilidade virtual muda a forma artística de ocupação da cidade, como pode nos ajudar a encontrar os vagalumes ou como contribui para o nosso ofuscamento diante da profusão de imagens compartilhadas é um desdobramento necessário para nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira; MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra; MARINHO, Lucas. Muros que falam: a comunicação na cidade. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, n. 1, p. 99-114, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Ricardo. Identidade, imagem e representação na metrópole In: CAMPOS, Ricardo e outros. **Uma cidade de Imagens**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

DELEUZE, Gilles. Post Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Trad. Vera Casa Nova & Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ufmg, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.